

**Mestrando: Arq. Cleide Cedeni Andrade**

**Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Sonia Afonso**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA**  
**PósARQ – PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO**  
**DISCIPLINA: ARQ 1101 - IDÉIA, MÉTODO E LINGUAGEM**  
**PROF<sup>a</sup>. DR<sup>a</sup>. SONIA AFONSO**

**OBRA: PROJETO ARQUITETÔNICO DISCIPLINA EM CRISE,  
DISCIPLINA EM RENOVAÇÃO**

**Carlos Eduardo Comas (organizador)**

**TEXTO: SOBRE A RENOVAÇÃO DO CONCEITO DE PROJETO  
ARQUITETÔNICO E SUA DIDÁTICA**

**ELVAN SILVA**



**Sobre a Renovação do Conceito de Projeto  
Arquitetônico e sua Didática  
ELVAN SILVA**



## **Elvan Silva**

**Graduação em Arquitetura pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1963) , mestrado em Arquitetura pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1993) e doutorado em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1997) . Foi professor titular da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Consultor do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, Representante de Instituição de Ensino do Conselho Regional de Engenharia Arquitetura e Agronomia, Outro (especifique): Membro do Conselho Edito da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais e Consultor sem vínculo da Universidade Federal de Minas Gerais. Tem experiência na área de Arquitetura e Urbanismo. Atuou principalmente nos seguintes temas: Arquitetura, Conhecimento, Profissão, Ideologia, Imaginário e Cultura.**

**Data de Nascimento:** 6 de setembro de 1940

**Data do falecimento:** 26 de abril de 2006

**Naturalidade :** Ipameri, Goiás

**Formação profissional:** Arquiteto

## 1. CARACTERIZANDO O CONCEITO DE CRISE

“A idéia de crise quando extrapolada de suas verdadeiras dimensões, é um costumeiro, mas repudiável pretexto para justificar a inação diante de um problema que nem sempre é tão grave quanto se representa.” (p. 16)

“Explico: se inserimos um problema em um contexto desnecessariamente ampliando, sobre o qual não temos condições efetivas de intervenção, estamos nos eximindo de oferecer nossa parcela de contribuição para resolver uma situação que talvez não seja tão complexa.” (p. 16)

A ampliação do contexto como desculpa para a inação





## **1. CARACTERIZANDO O CONCEITO DE CRISE**

**“O fato é que para agir com eficiência na solução de qualquer problema, é mister dimensionar seu contexto de acordo com o alcance efetivo de nossa capacidade de intervenção.” (p. 17)**

**“Quando falamos em crise no ensino do projeto arquitetônico, não devemos ampliar demasiadamente os limites do campo no qual a mesma se localiza,...” (p. 17)**

**“Qualquer tentativa de transcendentalização do problema redundará na tática de sua irresolubilidade. Crise, sim, mas circunscrita.” (p. 17)**



## Precisando a definição de crise

O que, no entanto, entendermos por crise?

“Alteração, desequilíbrio repentino, estado de dúvida e incerteza, tensão ou conflito.”<sup>1</sup> (p. 18)

“Creio ser a crise existente desde que constatamos que a questão da didática do projeto arquitetônico não acompanhou, com idêntica velocidade, a evolução doutrinária ocorrida no pensamento arquitetural contemporâneo.” (p. 18)

“... refiro-me ao fato de que o projeto arquitetônico ainda é, em amplos setores, considerado como exercício de atividade artística, comparável à produção pictórica, poética ou musical. Tal concepção, escandalosamente superada, demonstra a persistência da tradição acadêmica, engendrada no renascimento e robustecida pelo pseudo-racionalismo do século XIX.” (p. 18)



**Sobre a Renovação do Conceito de Projeto  
Arquitetônico e sua Didática  
ELVAN SILVA**

**“... refiro-me ao fato de que o projeto arquitetônico ainda é, em amplos setores, considerado como exercício de atividade artística, comparável à produção pictórica, poética ou musical. Tal concepção, escandalosamente superada, demonstra a persistência da tradição acadêmica, engendrada no renascimento e robustecida pelo pseudo-racionalismo do século XIX.” (p. 18)**

**“Com efeito, a origem da propalada crise no ensino do projeto arquitetônico que, em muitos casos, se converte numa autentica antdidática.” (p. 18)**



## 2. O CONCEITO DE COMPOSIÇÃO COMO PROCESSO PROJETUAL

➔ A omissão da doutrina modernista em relação à prática do projeto

“Atribui-se ao poeta alemão Heinrich Heine (1797-1856) a seguinte frase: “Quando o mundo acabar, eu vou para a Holanda. Lá tudo acontece cinquenta anos depois”. Ora de certa maneira, podemos parafrasear o insigne versejador teutônico e dizer que, quando o mundo acabar, deveremos nos abrigar numa faculdade de arquitetura, pois nelas as coisas também acontecem, digamos, vinte ou trinta anos depois.” (p. 19)

“Ironias à parte, devemos, a bem da justiça, reconhecer que, nesse âmbito, as faculdades de arquitetura apenas refletem compreensivelmente, o modo moroso e imperfeito como se renova o pensamento doutrinário na arquitetura.” (p. 19)



**“Embora a grande difusão do movimento modernista tenha tido início com o fim da Primeira Grande Guerra Mundial (1918), a maioria das escolas de arquitetura somente aderiu à nova tendência após o término da Segunda Guerra Mundial (1945).” (p. 19)**

**“Assimilada com atraso, a doutrina modernista viu-se prejudicada, na esfera do ensino, pelo fato de ter negligenciado um ponto capital, que é a questão do processo projetual. O “estatuto” modernista, podemos verificar, ocupou-se da forma arquitetônica, mas descuidou da questão do processo de concepção, enquanto posicionamento ideológico e pragmático.” (p. 19)**



## A composição elementar na tradição acadêmica

“O que significa composição? Obviamente, o ato ou o efeito de compor; mas o que é compor, na arquitetura?”  
(p. 19)

“A resposta nos é dada pelo eminente Julien Guadet (1834-1908) ... Afirmava Guadet no seu célebre tratado *Elements et Theories de l'Architecture*: “Compor, o que é isso? É pôr juntas, unir, combinar as partes de um todo. Essas partes, por sua vez, são os Elementos da composição, e assim como irão realizar suas concepções com paredes, aberturas, abóbadas, telhados – todos, elementos de arquitetura – estabelecerão sua composição com quartos, vestíbulos, saídas e escadas. Esses são os Elementos da Composição.”<sup>6</sup> (pp. 19-20)



**Sobre a Renovação do Conceito de Projeto  
Arquitetônico e sua Didática  
ELVAN SILVA**

**“O todo de um edifício não é e nem pode ser outra coisa senão o resultado da montagem e da combinação de partes mais ou menos numerosas; não se pode montar, combinar, senão aquilo de que se pode dispor. Para poder compor o todo de um edifício qualquer, deve-se, antes de tudo, adquirir um perfeito conhecimento de todas as partes que podem entrar na composição de todos os edifícios”<sup>7</sup> (p. 21)**

**“Compor seria então combinar, em determinado projeto, elementos selecionados dentro de um repertório finito e em obediência a regras ou cânones homologados e explícitos, ainda que arbitrários ou convencionais.” (p. 21)**



**“Ou seja, a composição não é um sinônimo de criatividade projetual, mas simplesmente uma modalidade de realização do projeto, entre outras possíveis.” (p. 21)**

**“Este contexto, entretanto, foi ultrapassado pelo decurso do tempo, fora e dentro do âmbito da arquitetura.**

**A tradição acadêmica perderia sua razão de ser como a renovação de pensamento arquitetural que, conforme é sobejamente sabido é anterior ao século XX.” (p. 21)**



## O conceito de composição depois da tradição acadêmica

**“O modernismo na arquitetura, ... não se ocupou da renovação dos procedimentos projetuais, talvez por considerar a idéia da composição como algo permanentemente e inquestionável.” (PP. 21-22)**

**“De qualquer modo, pode-se afirmar que nosso ensino de arquitetura tem procurado fazer uma simbiose da École Nationale des Beaux-Arts com a Bauhaus, o que tem gerado um monstrinho pedagógico, uma das muitas teratologias que assombram a ciência arquitetural do nosso tempo.  
A proposta da Bauhaus era implicitamente antiacadêmicas; mas na prática, não conseguiu revogar o academismo.”<sup>9</sup> (p. 22)**



“De qualquer forma, é notório que Gropius e sua equipe se propunham a renovar o ensino do processo projetual. No entanto, a tentativa de compatibilização do enfoque da Bauhaus com a tradição acadêmica resultou no hibridismo didático que predomina em amplas áreas do ensino de arquitetura. Essa associação padecia de uma contradição essencial como ensinar uma competência considerada insustentável de ser examinada? Na realidade, essa é a contradição mais importante a ser examinada nesse contexto. A habilitação projetual é ensinável, ou não?” (p. 23)

Na concepção acadêmica, a resposta era explicitamente negativa. Era Guadet quem dizia: **“A composição não se ensina, ela não se aprende a não ser através dos ensaios múltiplos, dos exemplos e dos conselhos, e da experiência própria se supondo a experiência alheia.”**<sup>11</sup> (p. 23)



“Essa noção já era antiga, mas alcançou nossa época. Mario Salvadori, ao prefaciар o livro *Architecture and people*, escrito por Eugene Raskin, em 1974, afirmava: “A arquitetura não pode ser ensinada, realmente (é por isso que não há boas escolas de arquitetura). Mas a arquitetura pode ser aprendida (é por isso que existem bons arquitetos).”<sup>12</sup> (p. 23)

“Como é possível que num mesmo recinto convivam estudantes que querem aprender e docentes que não precisam ensinar, já que sua área de conhecimento não é ensinável?” (p. 23)

“Um caminho mais ou menos óbvio para contornar tal impasse tem sido a caracterização das salas de aula da disciplina projetual como exercícios de treinamento da criatividade, ou seja, de aperfeiçoamento de capacidades tidas como preexistentes no psiquismo do estudante.” (p. 23)



**Citado por Guadet: “Esse modo de criação, que derruba as teorias e os métodos da lógica tradicional, que contesta Bacon e Decartes, é a intuição, a verdadeira gênese da idéia artística.”<sup>13</sup> (p. 23)**

**“Tal concepção é muito popular, pois satisfaz paradoxalmente, aos alunos mais bem-dotados, possuidores daquilo que se convencionou chamar de vocação ou talento.” (p. 23)**

**“...porque se considera que o aluno que exige ensinamento, na área da disciplina projetual, não entendeu o espírito das coisas. Segundo esse raciocínio, quanto menos o aluno precisa do professor, tanto melhor. Mas tal raciocínio é imperfeito, pois se não fosse, não estaríamos falando em crise no ensino do projeto arquitetônico.” (p. 24)**

### 3. O PROJETO NA ESTRUTURA INSTITUCIONAL DO ENSINO DE ARQUITETURA



Teoria versus prática, uma antítese artificial

“Ao comparar as contribuições de Le Corbusier e de Gropius à doutrina Modernista na arquitetura, Giulio Carlo Argan verifica que “ A antítese (entre os dois líderes) manifesta-se logo nas características exteriores: Le Cobusier lança proclamações, públicas manifestações manifestos, organiza viagens de propaganda por todo o mundo, grita aos quatro ventos que *il existe un esprit nouveau*; Gropius fecha-se em sua escola, transforma sua teoria numa didática precisa, sua lógica numa técnica, interroga-se, talvez, se ainda existe um esprit.”<sup>14</sup> (p. 24)

O renomado mestre germânico afirmava que “é mais importante ensinar um método de raciocínio que meras habilidades” E que “o livro e prancheta não podem substituir a valiosa experiência na oficina e no canteiro.” (p. 24)



**Sobre a Renovação do Conceito de Projeto  
Arquitetônico e sua Didática  
ELVAN SILVA**

**“... correta noção de que a atividade criadora é por excelência sincrética e interrogadora. Mas não podemos negligenciar o fato de que a preparação para o exercício dessa atividade requer a aquisição tanto de conhecimento quanto de habilidades, e que isso só pode se realizar, dentro de bases eficientes, quando se conta com um programa organizado e se dispõe de pessoal docente especializado em cada campo específico.” (p. 25)**

**“A caracterização do ensino em domínios teóricos e domínios práticos não é apenas inevitável, é a mais racional.” (p. 25)**

**“Parece-me um equívoco forçar uma distinção rígida entre a teoria e a prática no âmbito do ateliê.” (p. 25)**

**“... aprender arquitetura é uma questão de esfera cognitiva, aprender fazer arquitetura é uma questão das esferas cognitivas e operativa. ... O exercício aprimora a técnica, mas não cria.” (p. 25)**



## Ensino ativo e orientação reativa.

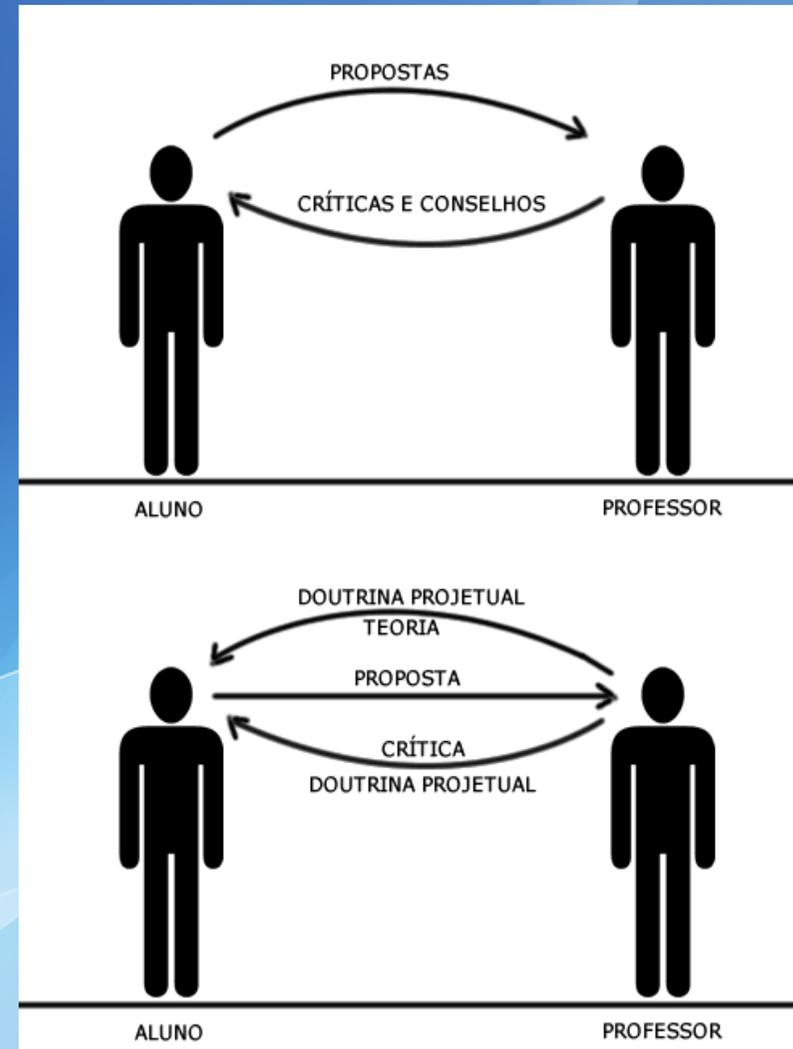
“Considero que um aspecto importante para a renovação do ensino do projeto arquitetônico deriva da caracterização da disciplina projetual não apenas como desaguadouro para onde convergem conhecimentos adquiridos teoricamente, mas também como fonte de aquisição de um repertório peculiar, gerado pela abordagem científica do processo de projeção.” (p. 26)

“Como transferir essa competência conhecida como *know how*? Pela apresentação de exemplos, pela demonstração, parece óbvio. Pela prática concreta. Mas o ensino do projeto arquitetônico, na escola, não se baseia na prática propriamente dita, mas na simulação da prática. Mesmo que se ofereça ao aluno a representação de um terreno existente e a representação de um programa autêntico, tudo o mais será hipotético, ou seja, carente de substância. O contexto real tem sua forma de interagir com a prática projetual; já o exercício realizado com base em um contexto hipotético está sujeito aos desvios conceituais gerados pela falta de informação.” (p. 25)

“A projeção arquitetônica envolve técnicas e rotinas instrumentais que são perfeitamente codificáveis e transmissíveis por intermédio da abordagem teórica.” (p. 26)

“..ao professor deveria caber também um papel ativo, de orientação *a priori*. Mesmo que se aceite a tese segundo a qual a criatividade não pode ser transmitida, não se pode negligenciar o fato de que a projeção arquitetônica não é criatividade pura – não existe tal coisa, mas uma atividade de resolução de problemas para a qual a criatividade é um componente valioso, mas não é o único.” (p. 26)

“A criatividade é, de certo modo, o fertilizante do processo; a técnica é o arado, as rotinas instrumentais o resultado da experiência acumulada. Se o projeto é o esforço racional para solucionar determinado problema, deve implicar algum tipo de conhecimento organizado, ou organizável.” (pp. 26-28)



Duas modalidades de ensino do projeto (ativo e reativo).



#### 4. EM BUSCA DE UM CORPO DOUTRINÁRIO PARA O ENSINO DO PROJETO.

“Na concepção convencional, a criatividade é um fenômeno psicológico vago e misterioso, derivado de categorias como inspiração, talento ou intuição, fatores que, como sabemos, não são codificados nem, *ipso facto*, ensináveis.” (p. 28)

“Em tais condições, o processo projetual poderia ser representado pela figura da “caixa preta” que, na terminologia científica atual, simboliza um dispositivo do qual se desconhece o funcionamento.” (p. 28)

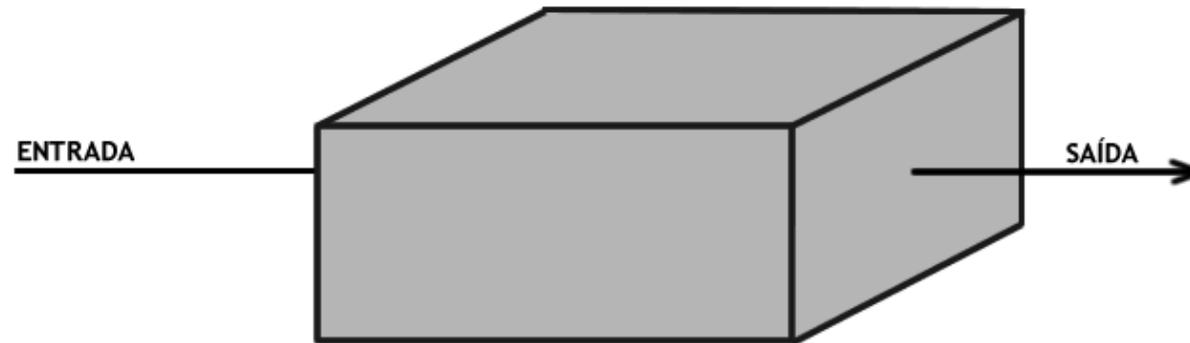
“Convenço-me de que essa imagem é anacrônica e insatisfatória e de que deveria ser substituída. Ela sobrevive apenas porque condiz com um também anacrônico modelo de produção da arquitetura erudita, que geralmente tem na opulência sua característica principal e no subjetivismo ideológico sua forma de proposição.” (p. 28)



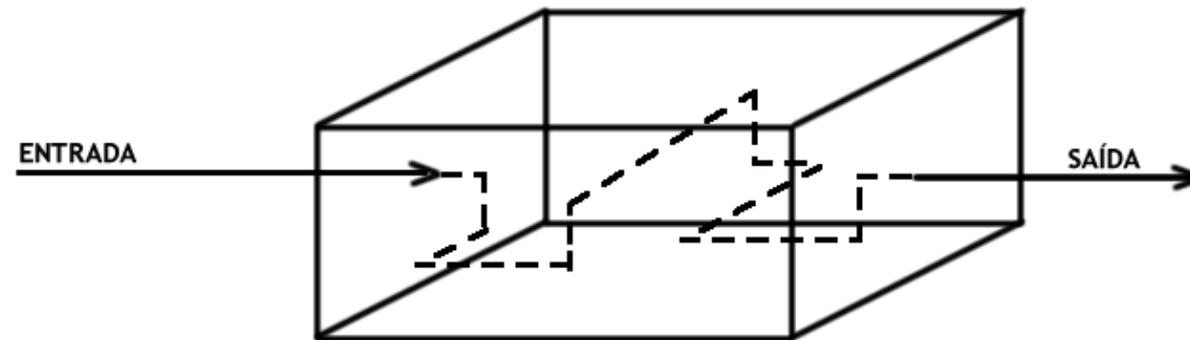
**Sobre a Renovação do Conceito de Projeto  
Arquitetônico e sua Didática  
ELVAN SILVA**

**“As exigências sociais contemporâneas se exprimem em tipologias arquitetônicas nas quais a excelência arquitetônica é aferida em atributos com funcionalidade, economia e modéstia.”  
(p. 28)**

**“A busca dessa racionalidade objetiva e explícita deve orientar os esforços em prol da renovação do ensino do projeto arquitetônico; cumpre substituir a “caixa preta” pela “caixa de vidro”. Essa pretensão coincide com a de estabelecer, para o ensino de projeto arquitetônico, o corpo de conteúdos científicos e instrumentais que embasam a atividade projetual de modo subjacente, frequentemente discreto, mas cognoscível.” (pp. 28-29)**



**Caixa preta**  
Simboliza, na terminologia científica atual, um dispositivo do qual se desconhece o funcionamento. O projeto visto como inspiração, talento ou intuição, fatores obviamente não estáveis, enquadra-se nessa categoria



**Caixa de vidro**  
simboliza o mecanismo do qual se pode conhecer o funcionamento e que pode ser reproduzido. Um processo projetual respaldado num método explícito codificável e transmissível se enquadra nessa categoria



## Didática a antdidátia no ensino do projeto arquitetônico

“...a despeito de sua ingloria e longevidade, a doutrina modernista na arquitetura não produziu uma teoria da projeção arquitetônica diferente da legada pelo academismo.” (p. 29)

Mário Zingales afirma: “Muitos dirigentes, técnicos ou profissionais recusam-se a tomar em séria consideração as metódicas propostas para o melhoramento da criatividade bem como as teorias que as justificam e as endossam. Essa atitude cética, tão difundida quanto errônea talvez se tenha originado do desejo oculto de preponderar sobre os princípios subalternos mediante comportamentos e capacidades que seriam preferíveis imaginar não transmissíveis; como feito, costumeiramente leva a uma zelosa e nem sempre justificada confiança nos próprios e extraordinários recursos criativos ”<sup>19</sup> (p. 30)

“Tal atitude, naturalmente, não pode ser imputada a professores que encontram na docência oportunidade de absorver e de compartilhar experiências, atribuível, quem sabe, à longevidade de ultrapassadas concepções de criatividade.” (p. 30)



**Sobre a Renovação do Conceito de Projeto  
Arquitetônico e sua Didática  
ELVAN SILVA**

**Alexander já tinha se ocupado da matéria, quando escreveu:  
“O uso de estruturas lógicas para representar problemas de  
projeto tem uma consequência importante. Traz consigo a  
perda da inocência.”<sup>20</sup> (p. 30)**

**“No meu ponto de vista, essa é a melhor justificativa para o  
uso de tais estruturas lógicas no ensino do projeto  
arquitetônico; o papel do ensino é precisamente o de converter  
inocência em capacidade.” (p. 30)**